



Obras beneficiam estudantes: Moradia, Bandejão e DCE

Págs. 6 e 7

**Combustível de microalga
gera corrida internacional**

Pág. 5

**Professora de língua de sinais
realiza sonho e dá aulas na UFF**

Pág. 10

Da Redação

Em dezembro deste ano a Universidade Federal Fluminense completa 50 anos. A partir desta edição, e até a última de 2010, o Jornal da UFF apresentará parte da história desta universidade que nasceu na década de 1960, período, no Brasil, marcado por efervescência no campo político-social e, atualmente, marca de forma positiva a história da educação superior do país. Apesar dos embates políticos, com a aprovação do Reuni, sem dúvida, a UFF é hoje uma instituição revitalizada, com lugar de destaque regional e nacional.

O Jornal da UFF transcreve parte do discurso proferido pela professora Rita Leal Paixão, do Instituto Biomédico, no dia 18 de dezembro de 2009, data em que a instituição comemorou seu 49º aniversário. O texto traça um histórico do país desde 1960, em paralelo à história da criação da UFF.

“Iniciamos as comemorações do aniversário da Universidade Federal Fluminense. É o Jubileu de Ouro. Cinquenta anos de existência. (...) Hoje, quando o sol se puser, teremos luzes, teremos música no jardim da Reitoria. Comemorar é festejar, é comemorar, trazer à memória, é renovar, é, portanto, reviver, no jardim da Reitoria, o jardim de Akademos. Nos arredores de Atenas, Grécia Antiga, o jardim de Akademos era um bosque de oliveiras, adquirido por Platão, que ali fundou, em 387 a.C., a Academia. A primeira Academia, uma escola diferente das demais, reunia atividades didáticas e especulações filosóficas, afinal, o importante era a busca da verdade. Não por acaso, a Academia surgiu num jardim. Ali, entre os vegetais, era vida, vida que se autorregenera... era o contraste com a pedra da cidade e as suas ruínas. O jardim de Akademos não era a cidade, não era o bosque, estava entre a arte e a natureza bruta. No jardim de Akademos, nessa Academia, não nasceu o saber da humanidade, porém ali nascia a preciosa concepção do conhecimento como algo vivo e mutável, o saber vivo. (...) A Academia platônica foi encerrada em 529 d.C. por ordem do poder político. Era vista como um ponto de resistência à política de uniformização cristã do império. A questão que prossegue é: a Academia não se encerrou no ano 529 d.C. Uma vez plantada no jardim, a Academia, assim como seres que se autorregeneram, produzira raízes, sementes das árvores novas, das outras academias, das academias novas universidades. (...) E, assim, um dia surgiu uma nova universidade no Estado do Rio de Janeiro. Não é dia de retomarmos ao jardim? Não devemos esquecer que somos como as oliveiras que se autorregeneram num jardim no meio da cidade. Parabéns, Universidade Federal Fluminense, pelo seu Jubileu de Ouro. E aproveitando um neologismo de Mia Couto, escritor moçambicano, vamos acreditar, vamos pedir a todas as forças deste mundo e de quaisquer outros, para que a nossa querida Universidade Federal Fluminense seja muito, muito ‘abensonhada’”. Leia o discurso na íntegra em www.noticias.uff.br/noticias/2009/12/discurso-jubileu.php.

Boa leitura.

Rosane Fernandes
Editora-Chefe

A importância do ensino da engenharia e arquitetura e urbanismo na prevenção dos acidentes nas encostas



Rodrigo Menezes Raposo de Almeida

Professor adjunto do Departamento de Engenharia Civil, pesquisador do CNPq, ex-aluno do curso de Engenharia Civil da UFF

Escrevo este artigo inicialmente como ex-aluno do Departamento de Engenharia Civil da Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense (turma de 1990) que realizou seu primeiro trabalho como estagiário no Nephu, sob a coordenação da professora Regina Bienenstein e do professor Haroldo Braune Collet, e o finalizo como professor do Departamento de Engenharia Civil, chefe do Setor de Geotecnia do Laboratório de Geotecnologia e pesquisador do CNPq.

Como estagiário do Nephu no projeto que tinha como objetivo regularizar a situação fundiária das comunidades que viviam principalmente nas encostas de Niterói, tive a oportunidade de conviver com profissionais da área de arquitetura e urbanismo que tinham a preocupação em organizar o espaço para que as famílias carentes tivessem espaços internos e externos que proporcionassem uma qualidade de vida das famílias que viviam nessas áreas de risco.

Os engenheiros civis que participavam do projeto tinham preocupação com a drenagem das águas pluviais, coleta de esgotos e, principalmente, analisar o risco relacionado com a estabilidade das encostas. Os geólogos que participavam do projeto davam subsídios aos engenheiros geotécnicos no reconhecimento dos solos e rochas locais e na identificação de estruturas geológicas que pudessem condicionar algum tipo de escorregamento. Trabalhamos duro nos anos de 1988 e 1991, isto é, há duas décadas.

Hoje, em 2010, como professor e morador de Niterói, o que vejo são duas situações distintas com relação às encostas: a primeira é a idéia de que acidentes em encostas atingem somente moradores de baixa renda e a segunda é o “estímulo” ao crescimento e aparecimento de novas comunidades nos morros de Niterói. A primeira afirmação pode ser facilmente avaliada pela observação dos acidentes em encostas que ocorreram no Estado do Rio de Janeiro em 1988, 1996, 2000 e 2009, atingindo áreas nobres na cidade do Rio de Janeiro, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Itaguaí e mais recentemente Angra dos Reis.

Do ponto de vista gerencial, pouco se aprendeu com estes acidentes, entretanto, do ponto de vista técnico e científico, hoje, o Estado do Rio de Janeiro tem uma grande

quantidade de profissionais com conhecimento para entender e prever a ocorrência desses movimentos de encostas. Por exemplo, deve ser totalmente proibida a construção de qualquer estrutura permanente à jusante de uma encosta natural com mais de cem metros de altura, com declividade superior a 35 graus, se os estudos geológico-geotécnicos indicarem a presença de uma camada de solo sobre rocha próxima à superfície do terreno, mesmo se a vegetação natural ainda estiver presente.

Essa situação cria um modo de ruptura planar denominado de talude infinito e, infelizmente, talude infinito não tem solução de estabilização, e, portanto, um dia ocorrerá uma ruptura nesse local; o problema é que não sabemos quando, mas sabemos que ocorrerá. Esse modo de ruptura, em particular, ocorre em boa parte da Serra do Mar com a presença de finas camadas de solos sobre rocha.

Um acidente idêntico ao que ocorreu recentemente em Angra dos Reis em 2009–2010 pôde ser visto em 1996 na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Conrado, na Rua Capuri, em frente ao Shopping Fashion Mall. Portanto, não é surpresa para nós, técnicos, que outros e outros mais possam ocorrer resultando em grandes tragédias.

O nosso papel, como professores das cadeiras de Mecânica dos Solos e outras cadeiras afins, é chamar a atenção dos alunos para a sua responsabilidade, como profissionais de engenharia ou arquitetura, de que uma obra aprovada numa área de encosta necessita de uma avaliação criteriosa do ponto de vista geotécnico, de modo a garantir a segurança das pessoas e do patrimônio que lá será erguido. A responsabilidade vai além, pois, muitas vezes, somos obrigados a condenar ou cancelar até a compra de um terreno caso haja uma situação de risco que possa afetar o local no futuro.

Finalmente, o papel do ensino da engenharia e da arquitetura e urbanismo é demonstrar, por meio de exemplos práticos, os problemas associados à ocupação das encostas, e seja por condomínios de alto poder aquisitivo, seja por comunidades carentes, todos estão sujeitos a graves acidentes geotécnicos caso os problemas não tenham sido antecipados, previstos e remediados.



Histórias de corrupção: muito além dos Três Poderes



Maria Clara Araújo

Arte e diagramação: Bruno Madeira e Daniel Fernandez

Mensalão, atos secretos do Senado, nepotismo, farra das passagens. Esses são apenas alguns dos casos mais recentes de corrupção no Brasil. E, se olharmos para trás, veremos que nosso país vive cercado de histórias que envolvem voto, poder, política e desonestidade. Porém, ao contrário do que se pode pensar, ações desonestas ocorrem não só entre os políticos. A população em geral contribui muito para que a corrupção se alastre pelo território nacional.

Em pesquisa divulgada em outubro de 2009, o Instituto Datafolha revelou que cerca de 17 milhões de eleitores admitem já ter trocado voto por emprego, dinheiro ou presente. Esta mesma pesquisa indicou que, dentre os entrevistados que admitiram ter vendido seu voto, 10% o fizeram em troca de emprego ou favor, 6%, de dinheiro e 5%, de presente. O Datafolha ouviu 2.122 pessoas em 150 municípios.

Indo de encontro ao senso comum, que rotula os mais pobres como os maiores “corruptos” na população brasileira, a pesquisa surpreende: são os mais ricos e mais estudados os que têm as maiores taxas de infrações. Noventa e sete por cento dos que ganham mais de dez salários mínimos assumem ter cometido infrações e 93% daqueles que têm ensino superior, também. Outro dado importante revelado pela pesquisa foi o de que 33% concordam com a ideia de que não é possível fazer política sem um pouco de corrupção.

O coordenador do curso de pós-graduação em Ciência Política da UFF, professor Eurico de Lima Figueiredo, relativiza, no entanto, os dados revelados pela

pesquisa. De acordo com Figueiredo, é preciso, antes de tudo, separar realidade de ficção. “Não existe nenhum estado ou sociedade em que não haja corrupção. Isso não é exclusividade brasileira”, frisou. Ele salienta que, no Brasil, a democracia é recente e que, por isso, a sociedade ainda não sabe ao certo como controlar o poder público. “Cada vez mais estamos crescendo como democracia. Temos instituições como o Procon, por exemplo, que dá voz ao cidadão lesado em questões comerciais”, lembrou.

Para o professor, um outro fator que influencia na postura corrupta da sociedade brasileira está em nossa história. “Fomos criados a partir da cultura da privatização daquilo que é público. Pensamos que o que é de todos, não é de ninguém. E, se não tem dono, então pode ser meu. Esse tipo de pensamento existe desde a época das capitânias hereditárias”, criticou.

Por ser o Brasil um país tão rico em casos de desonestidade, o jornal *Diário do Comércio*, de São Paulo, criou o Museu Online da Corrupção (MuCo). Acessando o site www.muco.com.br, os visitantes podem encontrar a relação completa dos escândalos políticos ocorridos no Brasil desde o início da década de 1970 e de grande parte das operações realizadas pela Polícia Federal no período. Além disso, há outras áreas, como a da “Pizzaria”,

em que estão relacionadas algumas das “pizzas” mais famosas do Brasil. Estão ali casos como o de PC Farias e o do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel. Nessa seção também é possível assistir a um vídeo chamado “Celebrando a Impunidade”. Nele, a deputada federal Ângela Moraes Guadagnin (PT-SP) executa uma coreografia jocosa no plenário da Câmara para festejar a absolvição de seu colega João Magno, envolvido no escândalo do Mensalão, em 23 de março de 2006.

Como possibilidade de solução para tantos casos de corrupção, o professor Eurico Figueiredo afirma que é preciso, primeiro, que a sociedade tenha consciência de que todos são cidadãos e que, por isso, somos responsáveis pelo país em que vivemos. “Além disso, precisamos de políticas públicas que ajudem a mudar essa mentalidade conservadora em que vale o ‘rouba, mas faz’. Também precisamos rever nossa história e valorizar aqueles que lutaram para que vivêssemos em um país democrático.”



Medicina chinesa ganha espaço como terapia complementar



Luiza Barros e Marcelo Studart

Arte e diagramação: Bruno Madeira

针灸穴位挂图

Por muito tempo vista como uma terapia alternativa, a medicina tradicional chinesa (MTC) passa a ser cada vez mais procurada como forma de tratamento complementar. Desenvolvida ao longo de milênios, a MTC se baseia em estudos observatórios de patologias. Por causa disso e por sua natureza filosófica, em um primeiro momento suas práticas não eram muito bem vistas no Ocidente por alguns. Apesar disso, a sua eficiência foi reconhecida finalmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na década de 1970.

Dentre os seus diversos métodos, destacam-se a fitoterapia, o Tui Na e a acupuntura. A fitoterapia baseia-se no tratamento a partir do consumo do chá de certas ervas orientais. O grande problema da aplicação desse método no Brasil é o custo da importação dessas plantas, não existentes na nossa flora. Já o Tui Na é tão somente a técnica de massagem chinesa, uma das práticas mais antigas da MTC. Ao contrário das massagens com que estamos acostumados, o Tui Na utiliza-se de movimentos mais fortes, para estimular o fluxo de energia, chamado pelos chineses de Qi.

Mas, de todas essas práticas, nenhuma se tornou tão popular no Ocidente quanto a acupuntura. A partir da inserção de agulhas nos pontos energéticos existentes no corpo humano, o método provou ser capaz de auxiliar no tratamento imediato de males como enxaqueca, cólica, enjôo, taquicardia e insônia, além de dores em geral. De acordo com o professor adjunto do Departamento de Morfologia da UFF, Márcio Antônio Babinski, a acupuntura é capaz de tal efeito terapêutico porque atinge o sistema nervoso central. Por isso, o professor alerta para o fato de que a escolha do profissional deve ser feita com cuidado, pois nem todos que estão no mercado são verdadeiramente capacitados. “A aplicação incorreta das agulhas pode ocasionar problemas piores do que aqueles que estão sendo tratados. Por exemplo, dependendo de como for aplicada, a agulha pode atingir algum órgão vital, como o

coração”, explicou Babinski.

Além da eliminação de dores crônicas, a acupuntura também é muito procurada no auxílio do combate ao tabagismo. O tratamento pode ser feito ainda por meio da auriculoterapia, prática independente da acupuntura que se baseia na estimulação do microsistema energético presente na orelha por intermédio de agulhas e sementes de mostarda. “O tratamento procura estimular as regiões do cérebro que identificam o prazer, fazendo com que o paciente não sinta tanta vontade de fumar”, esclareceu.

Com mais de 80% de eficácia e sem contraindicações, o método é cada vez mais adotado pelo crescente número de pessoas que desejam largar o cigarro. No entanto, o professor Babinski lembra que não basta só o tratamento – o paciente também deve estar realmente comprometido em parar de fumar.

Uma outra vantagem da acupuntura é o seu baixo custo. O único material necessário são as agulhas sistêmicas, que não custam mais do que R\$ 0,15 cada, dispensando o uso de medicamentos tradicionais. Isso fez com que o método fosse implantado em toda a rede de saúde do Estado de São Paulo, inclusive em hospitais de emergência.

A adoção dessa medida ajudou a desafogar alguns setores da rede, permitindo que o paciente seja tratado imediatamente, mesmo em postos de saúde, sem precisar ser encaminhado para alguma outra área. Márcio Antônio Babinski defende a iniciativa, mas chama a atenção para a ampliação do uso da acupuntura e que também devem ser revistos os processos de capacitação e seleção de profissionais. “Alguns acupunturistas não tomam o devido cuidado com a higiene. Nem todos descartam as agulhas após a utilização, o que é uma economia burra. Mesmo que a agulha reutilizada seja do próprio paciente, ela pode oxidar, podendo causar riscos ao paciente”, alertou.



Nova opção ao petróleo: combustível de microalga gera corrida internacional



Regina Schneiderman

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

Uma nova fonte de energia está mobilizando verdadeira corrida internacional: a produção de biocombustível à base de microalga. A técnica rende 40 mil litros de óleo por hectare/ano, enquanto a soja produz apenas 500 litros de biodiesel por hectare/ano. Quem explica é o professor Sergio Lourenço, do Instituto de Biologia da UFF, que em suas pesquisas conseguiu ampliar de 14% para 48% a produção de óleo das amostras de microalgas retiradas do litoral brasileiro.

O pesquisador, que participa de vários eventos internacionais e nacionais sobre fontes renováveis de energia, acredita que o Brasil reúne condições excepcionais para ser o maior produtor de biomassa de microalgas do mundo. Além de sua alta produtividade, a microalga apresenta outras vantagens, dentre elas, por ser cultivada em meio líquido, não utiliza terras férteis e, assim, não compete com a produção de alimentos.

Como vegetal, ao realizar a fotossíntese, mesmo que o seu biodiesel, ao ser queimado, libere CO₂, ele não acrescenta carbono na atmosfera porque já estava lá, ao contrário do combustível fóssil. Assim, o combustível à base de microalga combate o efeito-estufa e o aquecimento global do planeta que são resultado da entrada de CO₂ na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis.

A alta produtividade das microalgas é resultado de sua forma simples – como são seres unicelulares, todas as células são iguais e contêm óleo, tornando fácil a extração contínua. A microalga não tem raiz, caule, flor e fruto; toda a biomassa formada é útil. Diferente das plantas usadas como biocombustível, em que a massa é retirada de frutos (pinhão-manso), raízes (mandioca), folhas (capim-elefante) ou caule (cana-de-açúcar). Assim, o aproveitamento da biomassa de microalga é total e não apenas de algumas partes. Além dis-

so, seu ciclo de crescimento é curto, pois, em poucas semanas a biomassa é formada.

O setor aeronáutico é outro que está interessado na produção de bioquerosene de microalgas como combustível de jato. Este setor entende que apenas microalgas poderão suprir a demanda de querosene no futuro sem comprometer outros usos da terra. A produção é semelhante à do biocombustível de microalga e tem enorme mercado internacional. A empresa Boeing prevê até 2020 um aumento de 20 mil aeronaves somente na sua frota atual, que é de 25 mil aparelhos.

zadas em universidades e por empresas de formas até mais avançadas. Em julho deste ano, a americana Exxon, a maior empresa de petróleo do mundo, anunciou um projeto de US\$ 600 milhões por cinco anos para pesquisa com microalga como fonte de biocombustível. A Shell, há alguns anos, tem um programa no Havaí de pesquisa visando à produção de bioquerosene a partir de microalgas. A Petrobras, desde 2006, também vem desenvolvendo pesquisas com microalgas.

Para o pesquisador, ainda serão necessários investimentos em pesquisas para desenvolver tecnologia que viabilize uma produção com alta rentabilidade que consiga diminuir cada vez mais os custos e aumentar a produtividade. Ele acredita que, dentro de oito anos, já será possível produzir biomassa de microalga em escala industrial e aponta que quem tiver o domínio dessa tecnologia vai ter um mercado gigantesco para explorar.



Com o aumento do tráfego aéreo e o crescimento de novos mercados, como a China, o setor aeronáutico encontra-se pressionado a diminuir suas emissões de CO₂ e buscar por fontes sustentáveis de bioquerosene.

Segundo Lourenço, a aviação é o setor mais mobilizado. A busca por microalgas para produção de biocombustíveis representa, nos dias de hoje, uma verdadeira corrida internacional. As pesquisas estão sendo reali-

UFF entra em obras para



Luiza Barros

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

Reforma do Diretório Central dos Estudantes (DCE), moradia estudantil, Bandeirão. O que há muito tempo foi reivindicação dos estudantes da UFF começa a se tornar realidade agora. Assim como as demais obras que surgem pelos *campi*, a reforma do DCE, a construção da moradia e do novo Bandeirão, no Campus da Praia Vermelha, fazem parte de uma vitória conquistada por toda a comunidade acadêmica, graças ao trabalho de servidores e à luta dos estudantes por uma universidade mais democrática. Com recursos antes inexistentes, a UFF finalmente pôde focar em obras pela assistência estudantil a partir de 2009.

Reforma do DCE marcou 2009

O primeiro passo foi a reforma do DCE, no Centro de Niterói. Após mais de 50 anos de uso, a estrutura estava fragilizada, apresentando problemas na rede elétrica e hidráulica e nos encanamentos. Além disso, o estado das estruturas de alumínio da fachada colocava em risco os pedestres, o que levou a Defesa Civil a emitir uma notificação. Mais do que necessária, a reforma saiu do papel em julho de 2009, quando a empresa licitada iniciou suas atividades. Quatro meses depois, a obra foi entregue dentro do prazo.

Além da solução dos problemas mencionados, os banheiros e o telhado também foram reformados, e a fachada passou por recuperação total, com nova pintura e esquadrias. Segundo o superintendente de Arquitetura, Engenharia e Patrimônio, professor Mário Ronconi, a colaboração dos estudantes foi fundamental para que a obra fosse realizada sem maiores problemas. "Eles compreenderam a proibição das festas e que não poderiam utilizar o espaço por algum tempo, pela segurança deles", lembrou.



Novo Bandeirão ainda neste ano

Agora, a UFF entra em 2010 com mais obras em andamento. Dentre estas, está a construção do Bandeirão da Praia Vermelha. O projeto abrange um espaço capaz de acomodar 120 alunos simultaneamente, em uma área de 230,35 metros quadrados. Junto ao refeitório, será construído ainda um posto médico de 28,05 metros quadrados, voltado para servidores, bolsistas de treinamento (*confira reportagem na página 8*) e os demais estudantes de graduação com dificuldade socioeconômica. Além do posto a ser construído, a UFF tem ainda Serviço Médico e Serviço Odontológico disponíveis na Reitoria, de segunda a sexta-feira.

Bando de Fotos do Nucs



Cuidar do novo refeitório será apenas uma parte do trabalho já realizado pela Gerência de Coordenação Alimentar (GCA), ligada ao Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAC). Atualmente, a GCA é responsável por atender praticamente tudo o que diz respeito à alimentação dentro da UFF. Preparada na cozinha industrial do Gragoatá, parte da comida produzida é transportada diariamente para os refeitórios da Faculdade de Veterinária e da Reitoria, abertos à comunidade acadêmica, e para o Bandeirão do Hospital Universitário Antônio Pedro, destinado a funcionários e acompanhantes de pacientes. A GCA ainda é responsável pelo fornecimento de alimentos (gêneros) ao Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni), Creche UFF, Casa do Estudante e também para as aulas de Nutrição e aos alunos de Veterinária quando estão nos colégios agrícolas, mediante solicitação prévia dos professores, esclareceu a diretora interina da GCA, Solange Moraes. "Para não haver nenhum favorecimento, os gêneros são comprados por meio de um pregão eletrônico, que seleciona o fornecedor responsável pelos próximos seis meses de acordo com o preço e qualidade", completou.

atender melhor seus estudantes

Fornecimento de refeições se expande

Com demanda em expansão (de 2008 para 2009, o número de refeições fornecidas saltou de 2,5 mil para 4,1 mil por dia), a cozinha industrial do Restaurante Universitário, situada no Bandeirão do Gragoatá, também recebe melhorias. Entre os meses de janeiro e fevereiro, novas câmeras frigoríficas foram instaladas, razão pela qual o espaço foi fechado (geralmente, o Bandeirão opera nas férias com horário reduzido, das 12h às 13h30).

A reforma engloba ainda o almoxarifado e a área administrativa, além da instalação de exaustores e de um novo piso antiderrapante na cozinha. Mais equipamentos foram adquiridos, dentre eles, caldeiras e fornos combinados, além de mesas e cadeiras para os refeitórios. De acordo com a ex-diretora do DAC e atual superintendente de Recursos Humanos, Jovina de Barros, o restaurante busca atender às necessidades do aluno, fornecendo alimentação balanceada por baixo custo. “Procuramos melhorar o cardápio e acrescentamos sobremesa e refresco ao prato”, afirmou.

Conseguir permissão para utilizar os refeitórios do Gragoatá, Veterinária e Reitoria é bem simples: tudo que se precisa fazer é tirar a carteirinha do Bandeirão. O preço comum é de apenas R\$ 0,70 por refeição. Mas se o estudante tiver dificuldade para arcar com o custo ao longo do mês, pode solicitar ao DAC o direito à carteira branca, que garante a gratuidade, ou à rosa, que concede um desconto de 50% (o equivalente a R\$ 0,35 a refeição, de acordo com a avaliação da condição socioeconômica do candidato). Servidores da UFF pagam o preço normal, e prestadores de serviço podem utilizar o refeitório por R\$ 1,54 (carteira verde).



Gragoatá vai sediar moradia estudantil

Mas a maior conquista dos estudantes será a construção do Alojamento Estudantil, no Campus do Gragoatá. A UFF nunca teve moradia universitária. A única opção para os alunos de baixa renda era a Casa do Estudante, do governo estadual. Nesta, são apenas 56 vagas, todas preenchidas por alunos da UFF, número insuficiente para atender a toda a comunidade. Segundo o superintendente Mário Ronconi, a moradia universitária só pôde ser construída agora devido às verbas oriundas do Reuni, projeto de expansão das universidades do governo federal.

A obra estava prevista para começar antes, mas a construção da Via Litorânea pela Prefeitura de Niterói fez com que os trabalhos somente fossem iniciados em 23 de novembro. “Dependendo de onde a via fosse feita, poderia alterar a localização do prédio, então tivemos de aguardar”, explicou Ronconi. Os estudantes terão direito a um prédio de dois andares com 1.187 metros quadrados, divididos em 84 quartos, capaz de

receber 318 moradores. Além das alas masculina e feminina, haverá também uma cozinha, refeitório, lavanderia e sala de estudo e de multimídia, com acesso à internet, para uso comum. Os detalhes sobre o processo seletivo que deve escolher os alunos que terão direito à habitação ainda serão formulados ao longo do ano. No entanto, a atual diretora do DAC, Claudia Macedo, recorda que o fator a ser levado em conta será a condição socioeconômica do candidato. “A moradia vai atender alunos com o mesmo perfil dos que possuem a bolsa-treinamento, que precisam de ajuda para se manter na universidade. A distância de onde o candidato mora para a UFF também será considerada”, sublinhou.



Em 2010, novas modalidades de bolsas e aumento de valor e número das antigas



Matheus Zanon

Diagramação: Daniel Fernandez

Bolsa Transporte, de Mobilidade Internacional, de Arte e Cultura, de Prática em Campo, de Incentivo à Prática de Ensino e do Estudante Convênio são algumas das novas modalidades de bolsas de estudo que a universidade oferece a partir deste ano. As demais bolsas já existentes terão seu valor aumentado e, na sua maioria, serão em maior quantidade, como as de Treinamento, de Apoio Emergencial, de Monitoria, de Extensão, de Iniciação Científica, de Estágio ou as de apoio ao Estudante com Deficiência.

Dentre as novas, as bolsas **Transporte** têm o objetivo de contribuir no financiamento das despesas diárias, pois muitos alunos moram na Baixada ou na Zona Oeste do Rio, com custos de locomoção elevados, que oneram as famílias. Elas serão, a princípio, 150 bolsas de R\$ 250 cada uma.

As de **Mobilidade Internacional** são destinadas aos alunos que quiserem fazer intercâmbio no exterior. Serão 15 bolsas no primeiro semestre e 15 no segundo, com valores equivalentes a R\$ 400 mensais por seis meses, mas recebidos integralmente pelo bolsista, em razão da viagem.

As de **Arte e Cultura** se iniciam com 10 bolsas de R\$ 400 destinadas às áreas ligadas a arte e cultura, que hoje não estão contempladas com projetos de extensão.

As de **Prática em Campo** serão mil bolsas de R\$ 40 por dia de prática do aluno em campo. São ajudas de custo destinadas aos cursos que têm aulas práticas em campo, como Medicina Veterinária ou da área de Geociências. Desde junho de 2009, algumas despesas desse caráter foram bancadas com recursos da administração central, mas a partir de 2010, elas estão oficializadas.

Uma das mais interessantes, dentre as novas, é a bolsa de **Incentivo à Prática de Ensino**, que é um incentivo para que o aluno permaneça nos cursos de licenciatura, evitando a evasão, especialmente nas áreas de Matemática, Física, Biologia e Química, onde há carência de professores nos Ensinos Fundamental e Médio. Serão, a princípio, 80 bolsas de R\$ 400 cada, sendo 20 para cada uma das quatro licenciaturas citadas.

Começa ainda, em 2010, uma experiência de bolsa para estudantes estrangeiros que tenham dificuldades para se manter no Brasil, com as bolsas do **Estudante Convênio**. Elas começam em número de 25, no valor de R\$ 300. Após a aprovação da norma de serviço, já se inicia a fase de seleção dos candidatos. A UFF tem muitos estudantes de países africanos, que devem ser os principais beneficiários desta nova modalidade de bolsa.

Objetivo das bolsas é promover inserção e permanência na universidade

A UFF possui bolsas acadêmicas e bolsas sociais, todas com o objetivo de promover a inserção e a permanência do aluno na universidade, ao mesmo tempo em que oferece condições para o desenvolvimento de suas atividades e práticas acadêmicas.

Dentre as bolsas sociais, a bolsa **Treinamento** teve um aumento significativo no número e no valor, passando das 230 oferecidas em 2007, no valor de R\$ 180, para as 450 que serão oferecidas em 2010, no valor de R\$ 400, sempre com vigência de 12 meses. O programa de bolsa **Treinamento** propicia, ao estudante de graduação, auxílio financeiro por meio da iniciação no exercício profissional na sua área de estudo. Esta bolsa se inicia em abril e vai até março de 2011.

As diversas áreas acadêmicas enviam seus projetos para o Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAC), que aloca os alunos inscritos e selecionados, para uma atividade dentro de sua área de formação, explica Jovina Barros Bruno, Superintendente de Recursos Humanos. As inscrições são feitas on-line e os alunos passam por uma avaliação socioeconômica, de acordo com certos critérios, que caracterizam sua situação. Surgindo vagas, novos alunos vão sendo convocados, pois há sempre um banco de espera, diz Jovina. Depois de um ano, os alunos podem ainda participar novamente do processo, mas têm que fazer todo o procedimento novamente, até o limite de quatro anos, que seria o tempo máximo de participação no programa.

A bolsa de **Apoio Emergencial** surgiu de uma observação da superintendência de que os alunos ingressavam na faculdade já com certas demandas socioeconômicas e não podiam participar da seleção no primeiro semestre, porque o processo seletivo começa em outubro. A bolsa de **Apoio Emergencial** surgiu então para suprir essa dificuldade. Ela é de seis meses, podendo ser renovada por mais seis meses, dependendo da avaliação do aluno que, depois disso, pode ir para outra bolsa. Esta bolsa vem aumentando gradativamente, passando de 66 em 2007, no valor de R\$ 180, para 200 bolsas nos anos de 2008 e 2009, no valor de R\$ 350 nos dois anos e agora serão 250 bolsas em 2010, no valor de R\$ 400 cada uma.

A bolsa de **Monitoria**, que beneficiou 1.050 estudantes em 2009 e o mesmo número em 2010, teve seu valor aumentado, de R\$ 350 para R\$ 400. Os alunos se inscrevem pela internet e são submetidos às provas do projeto. Os departamentos, que têm seus projetos aprovados por uma comissão, abrem vagas de monitoria para os estudantes que queiram se agregar ao projeto. Os aprovados são orientados por professores e,

na Semana de Monitoria, têm oportunidade de apresentar relatos de suas atividades. Este projeto tem ainda a finalidade de iniciar os graduandos na docência de nível superior.

As bolsas de **Extensão** estimulam os alunos a participar das inúmeras atividades de extensão que a universidade realiza junto à sociedade. São programas, projetos, pesquisas e eventos que interligam a universidade nas suas diversas atividades de ensino e pesquisa, ao mesmo tempo em que atendem às demandas da sociedade. Eram 305 bolsas de R\$ 350 em 2009 e que, em 2010, passarão para 425 bolsas de R\$ 400.

As bolsas de **Iniciação Científica** não são novas, mas estavam no âmbito do Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI) e agora passam para a coordenação da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (Proppi). Essas bolsas, além de terem seu valor aumentado, de R\$ 300 para R\$ 360 e de serem em maior número, passando de 107 para 183, agora têm a segurança de estarem institucionalizadas, não correndo mais o risco de descontinuidade. Essas bolsas começam em agosto e terminam em julho.

As bolsas **Estágio** proporcionam aos estudantes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos de maneira supervisionada, em situações de prática profissional dirigida e orientada. Elas eram 241 bolsas em 2008 e 2009, mas tiveram seu valor aumentado de R\$ 240 para R\$ 350 de um ano para outro. Em 2010 serão 230 bolsas no valor de R\$496.

A novidade do ano passado, 2009, foi a criação da bolsa de **Apoio ao Estudante com Deficiência**, aprovada pela norma de serviço nº 606, de 15/6/2009. A UFF é uma das primeiras universidades a estabelecer esse tipo de benefício, que se destina a estudantes de graduação que apresentem deficiência motora, sensorial ou múltipla, com o objetivo de apoiar as despesas de locomoção, aquisição de instrumentos, livros e objetos indispensáveis à sua permanência na universidade. Foram 30 bolsas no valor de R\$ 350 em 2009, que passarão para R\$ 400 em 2010. Serão mantidas as 30 bolsas, porque se iniciaram no segundo semestre do ano passado e ainda estão em fase de estudo e experiência, com acompanhamento para se conhecer melhor as demandas.



Resíduo de livro



Matheus Zanon

Arte e diagramação: Bruno Madeira

Quanto valem aqueles livros que você jogou no lixo? Ou aquelas fotografias antigas que achou dentro de uma caixa e que foram parar na lixeira mais próxima? De acordo com o projeto Resíduos & Memória, podem valer muito.

Considerado trabalho pioneiro em coleta seletiva de lixo no Brasil, implantado em 1985, o projeto é fruto de uma parceria entre a Universidade Federal Fluminense e o Centro Comunitário de São Francisco (CCSF). Ao longo de quase 25 anos de história, a iniciativa, coordenada pelo professor Emílio Eigenheer, transformou a universidade em referência quando o assunto é coleta seletiva.

O programa busca, por meio da reciclagem e do reaproveitamento, causar menor impacto ambiental, evitar a produção do lixo para que ocupe menos lugar no aterro controlado do Morro do Céu, no bairro de São Francisco, em Niterói, e gerar renda para moradores da comunidade carente da Grota do Surucucu, área vizinha ao bairro.

Segundo pesquisa realizada pela UFF, os moradores reconhecem o trabalho e o aceitam de forma bastante positiva. No começo, era voltado para o reaproveitamento de materiais recicláveis. Com o passar dos anos, voltou-se também para materiais de valor cultural, como livros, revistas, cartões postais, fotos, dentre outros. “Interessamos-nos por material com relevância para

a memória do Estado do Rio de Janeiro e, de modo especial, para a cidade de Niterói”, explicou Eigenheer.

A partir de um trabalho conjunto com o Centro de Memória Fluminense (CMF), os materiais recolhidos foram recuperados e tratados. “Esses materiais formam uma rica e significativa coleção. Não raro, são recuperados conjuntos valiosos de uma mesma procedência. Em outros casos, de fontes diversas, vão sendo formadas coleções importantes”, detalhou o pesquisador. O CMF busca catalogar e estabelecer contato com museus, instituições ou associações brasileiras ou regionais de numismática (estudo de moedas), de filatelia (selos) ou de cartofilia (cartões), para que deem dicas para melhor identificação, avaliação, valoração e armazenamento dos materiais.

Uma mostra da importância do trabalho e do valor jogados no lixo é a exposição “Lourenço de Araújo: Poeta, Boêmio, Militar”, aberta ao público até janeiro de 2010 na Biblioteca Central do Gragoatá da UFF. O acervo, recolhido pela coleta seletiva em São Francisco, em 2008, pertenceu ao próprio Lourenço de Araújo, personagem importante na vida boêmia e cultural de Niterói, sobretudo entre 1920 e 1930. Os destaques da mostra são informações e materiais icnográficos sobre o *Café Paris*, a revista *Noite e Dia* e também a criação do “Cenáculo Fluminense de História e Letras”.

Livros baratos em boas condições e revistas antigas recuperadas são outros méritos do projeto Resíduos & Memórias. Como era grande a quantidade desse tipo de material recolhido durante a coleta seletiva, o professor Emílio Eigenheer percebeu a necessidade de se avaliar o potencial econômico do trabalho. Para isso, foi criado o site www.uff.br/cirs que vende os livros e revistas recolhidos.

O site, destinado a alunos e servidores da UFF, pretende avaliar o potencial de geração de renda para cooperativas de catadores de lixo. “Seria uma forma de incentivar, no país, outras experiências de recuperação de materiais de valor cultural. O usuário faz uma oferta pelo livro que é avaliada pelos organizadores do site, bolsistas da UFF”, disse. Atualmente, o site conta com mais de 500 títulos, número permanentemente atualizado. Dentre os livros disponíveis para venda, estão obras de Dante Alighieri e José de Alencar. Junto ao título e ao autor está a descrição do estado de conservação

A pesquisa Resíduos & Memórias tem apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e planeja novas ações que chamem a atenção para as perdas de materiais culturais que se dão por meio do descarte sistemático e diário.



Primeira professora surda da UFF estudou como 'ouvinte' na faculdade



Maria Léa Aguiar

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

Histórias curiosas e interessantes não faltam na vida de Luciane Rangel, niteroiense de 42 anos, que foi a primeira professora surda contratada pela UFF para dar aulas de Libras (língua de sinais) a servidores e professores da universidade, incluindo o Hospital Universitário Antônio Pedro.

Com muito bom humor, Luciane afirma que demorou para entrar na faculdade, porque não havia intérprete nos cursos, e ela mesma pagava sua intérprete. Por isso, antes de ser admitida como aluna regular, ficou quatro anos como "ouvinte", assistindo às aulas e enfrentando a dificuldade com as palavras, porque o português era, para ela, como uma língua estrangeira.

Luciane Rangel sempre estudou em escola de ouvintes e sem poder fazer os sinais, que eram proibidos nas escolas até 1980. Em determinada época, sua mãe começou a trabalhar na secretaria do colégio em que estudava, para ter mais contato com os professores, dos quais recebia os textos para que, em casa, ensinasse o português à filha. Luciane lembra que sempre foi ótima aluna de matemática, mas que o seu mestre, na verdade, era o quadro-negro, pois a barba e o bigode do professor impediam a leitura labial, e só quando colocava tudo no quadro é que ela entendia. Mas tudo isso era "muito puxado", confessa, já

que não era natural estudar assim.

Até que, aos 12 anos, foi estudar numa escola inclusiva na Cávca, Rio de Janeiro. Lá, também os professores falavam depressa e o colégio não tinha intérprete, mas a diferença é que havia outros surdos como colegas. Então, eles iam para o banheiro e, às escondidas, conversavam com sinais. Foi seu primeiro contato com a língua de sinais. Mas, quando aparecia algum professor ou inspetor, eles disfarçavam, fingiam outra brincadeira ou simplesmente corriam.

A professora Luciane considera o domínio da língua de sinais como o "maior presente da sua vida". Com isso, descobriu um mundo novo, onde outras pessoas

como ela podiam conversar e interagir naturalmente, já que sua família nunca aprendeu Libras e só fazia leitura labial com ela. Como exemplo, cita a palavra "consciência", que é abstrata e que sua mãe já havia tentado lhe explicar muitas vezes, em contextos diferentes, mas só quando outro surdo explicou, ela entendeu perfeitamente.

Trabalhar na UFF, afirma, é realizar um sonho. Outro sonho seu era ter uma família bilíngue, mas, como isso era proibido, todos já cresceram sem aprender Libras. Atualmente, contenta-se com seu cachorrinho, que entende Libras e passeia com ela, virando-se e olhando para trás o tempo todo, para perceber os sinais que ela faz. Ele compreende todos os sinais importantes, como parar, voltar, não pode, banheiro, água, comida, dentre muitos outros, mas o de que mais gosta é quando, em casa, ela faz o sinal de passear – duas mãos sobre os ombros, roçando os dedos para fora. "Ele sai correndo, abanando o rabo e já vai em direção à porta", explicou.

A linguagem de sinais, para Luciane, tem outras vantagens, pois "ouvinte, quando viaja, não consegue se comunicar se não souber a língua do lugar, mas surdo se vira no mundo todo", porque existe uma língua mundial de sinais, o Gestuno, que compreende sinais básicos, que todos entendem.



<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Ensino do espanhol se torna obrigatório no próximo ano



Gilson Carvalho

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

A partir de 2010, todas as escolas brasileiras de ensino médio deverão oferecer aulas de língua espanhola. Os alunos, no entanto, não serão obrigados a frequentá-las, podendo optar por outro idioma. Para estudantes da quinta à oitava série do ensino fundamental, a oferta das aulas será facultativa.

A lei federal 11.161/05, sancionada em 5 de agosto de 2005, estabeleceu, para sua plena implantação, um prazo de cinco anos, que vence exatamente no ano que vem. Atualmente, apenas cerca de 15% dos alunos do ensino médio frequentam escolas que oferecem aulas de espanhol. Na rede pública, a média é ainda pior: 11%, enquanto que na rede privada está em 51%, de acordo com dados do censo da educação básica de 2008 do Inep, órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC).

O censo da educação básica de 2007 indicou que o Brasil tinha seis mil professores da disciplina no ensino médio, o que representava apenas 23% dos 26 mil que o MEC estimava serem necessários. Dentre esses poucos, apenas 44% têm licen-

ciatura na língua. Para suprir a carência de docentes, o governo assinou com o Instituto Cervantes, órgão espanhol encarregado de difundir a língua e cultura daquele país, um acordo que vem sendo contestado em todo o Brasil.

O questionamento diz respeito ao não-engajamento das faculdades de Letras brasileiras que têm curso de formação de professores de espanhol em favor de um curso à distância a ser oferecido pelo Instituto Cervantes. Além disso, muitos estranham que, estando cercado de países de língua espanhola, o Brasil tenha recorrido à Espanha para incrementar o ensino do idioma e defendem que deveria haver cooperação com nações latino-americanas.

Para discutir a questão, foi criado o blog <http://espanholdobrasil.wordpress.com>. Nele, podem ser encontrados todos os documentos relevantes sobre a implantação do espanhol no ensino brasileiro e informação permanentemente atualizada sobre o assunto.

O "imbróglio" está longe do fim. Resta a pergunta: afinal, "¿vamos a hablar en Español?"



Rio e Olimpíadas

Uma questão de negócios



Marcelo Studart

Arte e diagramação: Alvaro Faria e Bruno Madeira

Finalmente, chegou a vez do Brasil. Depois de três tentativas frustradas, o Rio de Janeiro foi escolhido como sede das Olimpíadas de 2016, deixando para trás outras candidatas como Chicago, Madri e Tóquio. Além das Olimpíadas, vale lembrar que outros eventos acabam se direcionando também ao país, como os Jogos de Verão, as Paraolimpíadas e os Jogos Militares. O caso do Brasil é ainda mais especial porque ainda vamos sediar a Copa do Mundo em 2014 e a Copa das Confederações no ano anterior.

Com seis anos, a partir de agora, para a preparação da cidade, o grande desafio do comitê organizador é provar que o orçamento inicial de R\$ 25,9 bilhões será suficiente e, mais importante, que não sairão dos cofres públicos. “Depois do exemplo que tivemos com o Pan, como podemos esperar que seja a preparação para as Olimpíadas?”, questiona o professor Edmundo de Drummond Alves Júnior, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. “Por exemplo, a população canadense só terminou de pagar o imposto referente às Olimpíadas de 1976, em Montreal, em 2006.”

No projeto apresentado para o Pan, em 2002, constava que o governo brasileiro (considerando o municipal carioca, o estadual e o federal) gastaria por volta de R\$ 409 milhões, e não os R\$ 3,2 bilhões registrados, valor 684% maior que o previsto. A iniciativa

privada, ao contrário do que foi anunciado, não “abraçou” a idéia.

Outro ponto bastante reforçado nos projetos da competição é quanto ao seu legado, já que o Pan-Americano de 2007 mostrou que pode se tornar um problema. “Como brasileiros, todos estamos felizes com essa decisão, mas precisamos pensar em como isso vai ocorrer, principalmente o porquê de as outras sedes terem perdido”, acrescentou Alves Júnior. Ele afirma ainda que com a derrota da concorrência e de toda a sua estrutura já construída, somos levados a pensar se isso não ultrapassaria

o limite do “incentivo” ao país em desenvolvimento e alcançaria uma questão de mercado. “Por que promover a construção de uma estrutura como essa se os concorrentes já têm tudo pronto? É uma questão de negócio, promoção de obras. O Brasil é um mercado em ascensão, enquanto Estados Unidos, Espanha e Japão já estão bem mais saturados”, explicou ele.

Além disso, em conjunto com as preocupações com os gastos públicos, os Jogos Olímpicos representam uma perspectiva de crescimento social e esportivo no país. Além das obras relacionadas direta-

mente ao esporte, os projetos dos Jogos também englobam toda a infra-estrutura secundária necessária para sua realização, como transporte, segurança e acomodação (caso da Vila Olímpica).

“Essa exaltação popular com a indicação do Rio faz com que o povo não enxergue que antes de precisar de um velódromo, a cidade já precisava de uma rede de metrô maior, de segurança, de educação. Independentemente de organizar ou não uma Olimpíada, a cidade sempre precisou disso”, argumentou o professor. “Por isso, falar em trazer megaeventos para o nosso país é esquecer que temos outros problemas ainda a serem resolvidos. Não vai ser por isso que vamos nos tornar um país de Primeiro Mundo”, completou.



Campus

Notícias sobre eventos e acontecimentos na UFF

Acolhimento – Pela terceira vez consecutiva, a UFF, por intermédio do Programa de Acolhimento Estudantil, recebeu os calouros e seus familiares. Nesta edição, com o tema “UFF! É nessa que eu vou...”, os novos estudantes visitaram barracas de vários projetos desenvolvidos por alunos, servidores e professores da universidade, assistiram a vídeos institucionais, conheceram um pouco mais sua área específica, além de conversar com os veteranos, professores e coordenadores de curso.

Pesquisa - O Instituto de Computação da UFF está desenvolvendo o protótipo de um

equipamento de assistência domiciliar remota, que permitirá que pacientes com doenças crônicas e, principalmente, idosos sejam monitorados e assistidos permanentemente em suas próprias residências. No mundo todo estão em andamento muitas pesquisas nesse sentido, em razão do acelerado crescimento da população idosa, que representa um grande desafio para os sistemas de saúde, mas, no Brasil, ainda não existem modelos prontos.

O protótipo, desenvolvido pela equipe do professor Orlando Loques, consta de sensores sem fio e de equipamentos que o usuário pode “vestir” ou “plugar”. Isso permite o seu monitoramento contínuo, coletando tanto da-

dos fisiológicos de pressão arterial, batimentos cardíacos, peso, taxas de oxigênio no sangue, como do ambiente e das atividades realizadas e da intensidade dos movimentos. Tudo isso está relacionado ao seu diagnóstico e pode incluir avisos sobre horário de medicamentos ou terapias.

‘Clipping’ eletrônico – Diariamente, o Núcleo de Comunicação Social (Nucs) disponibiliza na página da UFF o “clipping” eletrônico. Acesse o menu à esquerda Clipping - UFF na mídia ou www.noticias.uff.br/clipping/clipping.php.

(Rosane Fernandes)

HISTÓRIA DA UFF - PARTE 1



Luiza Peluso e Regina Schneiderman

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

A ideia da criação de uma universidade para o Estado do Rio de Janeiro era antiga no meio intelectual e político do estado. A primeira proposta concreta de que se tem notícia partiu da Associação Fluminense de Professores Católicos, em maio de 1946.

Após 14 anos de luta, em 18 de dezembro de 1960, foi criada a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uferj). Faziam parte da nova universidade as faculdades federais de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e Veterinária, as escolas estaduais de Enfermagem, Engenharia e Serviço Social e as faculdades particulares de Filosofia, Ciências e Letras e a de Ciências Econômicas.

Em 1961, após terem sido agregadas à universidade, essas instituições estaduais e particulares foram federalizadas e, na época, contavam com cerca de três mil alunos. Somente em 1965, a Uferj passou a ser denominada Universidade Federal Fluminense, adotando a sigla UFF.

Destacamos abaixo as instituições de ensino superior incorporadas à Uferj e federalizadas antes da criação da universidade.

Faculdade de Direito – criada em 1912 como instituição particular (Faculdade de Direito Teixeira de Freitas), passou a ser estadual em 1916 e federalizada em 1956.

Faculdade de Medicina – fundada em 1925 também como instituição particular (Faculdade Fluminense de Medicina) e em 1931 passou a ser mantida pelo governo do estado e federalizada em 1950 (confira história na íntegra no site www.proac.uff.br/facmed).

Faculdade de Farmácia e Odontologia – criada como instituição estadual em 1912 e federalizada em 1956. Na criação da Uferj, é desmembrada em faculdades distintas.

Durante a criação da Uferj, também foram agregadas as seguintes instituições de ensino superior que ainda não haviam sido federalizadas:

Faculdade de Ciências Econômicas – fundada em 1942 como Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Niterói (particular).

Escola de Enfermagem – criada em 1944, de origem estadual, com o nome de Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.

Escola de Engenharia – fundada em 1952, também estadual, como Escola Fluminense de Engenharia.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – criada em 1946, como sociedade cooperativa particular, era conhecida como Faculdade Fluminense de Filosofia. Oferecia os cursos de Ciências Sociais, Geografia, História, Letras, Matemática e Pedagogia.

Escola de Serviço Social – instituição estadual fundada em 1945, com o nome de Escola de Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro.

Prédio da Reitoria

Inaugurado em 1932, o Hotel Balneário Icaraí ocupava o palacete de Eugene Urban, construído em 1916. Em 8 de julho de 1939, a primeira-dama Darcy Vargas inaugurou as novas instalações. Durante a década de 1940, o Grill-Room do Cassino Icaraí foi cenário de grandes atrações nacionais e internacionais, como Josephine Baker, Grande Otelo, Imma Sumack, dentre outras, que se apresentavam em riquíssimas produções de Jaime Redondo.

Com a proibição do jogo no Brasil (30 de abril de 1946), o cassino foi fechado. Em 1952, após reformas, foi criado o Teatro Cassino, no espaço ocupado pelo antigo Grill-Room. Em 1967, foi adquirido pela UFF e passou a ser utilizado como sede da Reitoria.

Acervo Rouen



Livros da Editora da UFF



Sonia de Onofre (Coordenação)

Compras on-line pelo site: www.editora.uff.br

Dos barracos de madeira aos prédios de quitinetes: uma análise do processo de produção da moradia na Favela da Rocinha, ao longo de cinquenta anos



Gerônimo Leitão

207 páginas
R\$ 30

A obra analisa o processo de produção de moradia na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1990. O autor apresenta os padrões de construção – das casas de madeira e alvenaria aos prédios com até seis pavimentos – e explica como os assentamentos espontâneos assumiram expressividade na urbanização das grandes cidades do Terceiro Mundo.

Maços na gaveta: reflexões sobre mídia

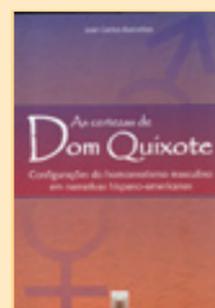


Organizadora:
Beatriz Kushnir

308 páginas
R\$ 34

Que jornalista adotou a palavra “terrorista” para definir os adversários do regime militar no país? A quem interessa bloquear o acesso aos arquivos do regime extinto há mais de 30 anos? Quem lucrou com a cassação da TV Excelsior? Esses são alguns dos questionamentos feitos na obra, que traz reflexão sobre o relacionamento entre a sociedade e os veículos de comunicação e como estes usam manobras para defender seus interesses.

As certezas de Dom Quixote: configurações do homoerotismo masculino em narrativas hispano-americanas



José Carlos
Barcellos

117 páginas
R\$ 25

Em análise primorosa, o autor indaga sobre o sentido de cem romances hispano-americanos de temática, sobretudo, homoerótica. Dada a clareza da exposição, a elegância do estilo e o discernimento admirável, lê-se As certezas de Dom Quixote com o mesmo prazer com que se lê um romance.